

VASALISA & BABA YAGA _ I

VASALISA & EU

“Mulheres que correm com os lobos” _ anfitrião de ritos de passagem

por Flávia Valadares



Foto de Tin Man Lee

A primeira vez que o livro “Mulheres que correm com os lobos”, de Clarissa Pinkola Estés caiu em minhas mãos, deve ter sido perto da virada do século XX para o XXI _ palco da mítica transição entre os milênios.

Havia sido bem recomendado e, cheia de entusiasmo, comecei uma leitura que se arrastou como um suplício até que, com muito esforço, venci o primeiro terço do livro. Sem desejo e sem conexão, me rendi. Admiti que estava achando tudo aquilo muito chato e sem sentido: definitivamente não era para mim.

Se por um lado era evidente a assincronia, já que o mestre deveria aparecer quando o discípulo está pronto _ à semelhança do sábio ditado chinês¹; por outro, não surpreende que uma dentista, de tipologia sensação, treinada no positivismo racionalista e na literalidade do modelo biomédico, tenha deixado de lado um livro de contos que evoca o contato íntimo com o feminino sagrado como fonte de força e direção interior _ um livro que fala da alma para a alma. Todavia, mal sabia eu que era semente caída em solo fértil, ainda que em tempo de

¹ “Quando o discípulo está pronto, o mestre aparece.” (BOLEN, 1997, p. 11)

estiagem. O importante é fazer o que é possível ser feito, com a consciência que se tem, e no ponto em que se está na jornada da alma; e mesmo assim dar o passo necessário para seguirmos adiante. Segui.



Ilustração de Remedios Varo

Alguns anos e um divórcio depois, já em 2010, comecei um processo terapêutico em que descobri Jung, a metáfora e a (re)significação. Mal sabia eu que juntos comporiam a tecitura de uma nova forma de ver o mundo e de estar na vida. Um caminho outro que veio a me ensinar o cultivo da alma! Tudo isso me tocou de tal forma que fui fazer uma pós graduação em Psicoterapia Junguiana _ queria mais, saber mais, descobrir mais _ a princípio sem pretensões profissionais; apenas sedenta de símbolos e significados, que aos poucos foram fertilizando a terra aparentemente estéril e infecunda .



Ilustração de Remedios Varo

Foi aí, já com um novo cenário interior, que deparei novamente com o livro: devorei-o, então! Vivemos uma intensa relação! Cada um saiu com suas marcas... Ele, rabiscado, multicolorido; cheio de setas e anotações; um monte de post-its e umas quantas orelhas dobradas; outras tantas, “re-dobradas”. Quanto a mim, ah... Eu fora tocada e me sentia profundamente emocionada. Como curada de uma miopia, descobria um outro colorido no mundo _ um mundo outro! Mas eu não tinha ideia de que apenas começava a trilhar os labirintos de meu mundo interior _ essa picada a ser desbravada a fim de me tornar quem eu sou.

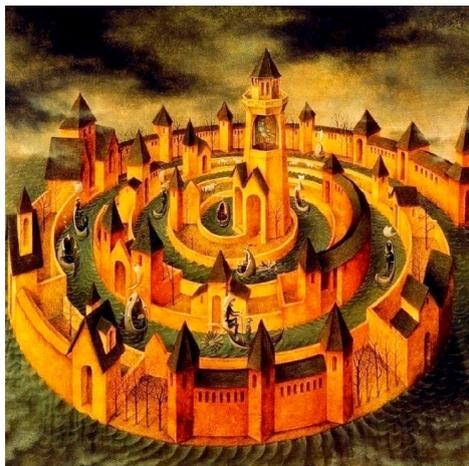


Ilustração de Remedios Varo

Na verdade, quem *somos* eu ...! Essas todas e esses todos que me habitam de um extremo a outro do espectro de possibilidades do humano! E é assim, entre opostos _ de luz e sombra a puer e senex, transitando entre masculino e feminino, que vou me descobrindo ao mesmo tempo em que me transformando por meio de uma misteriosa e sagrada alquimia entre consciente e inconsciente.

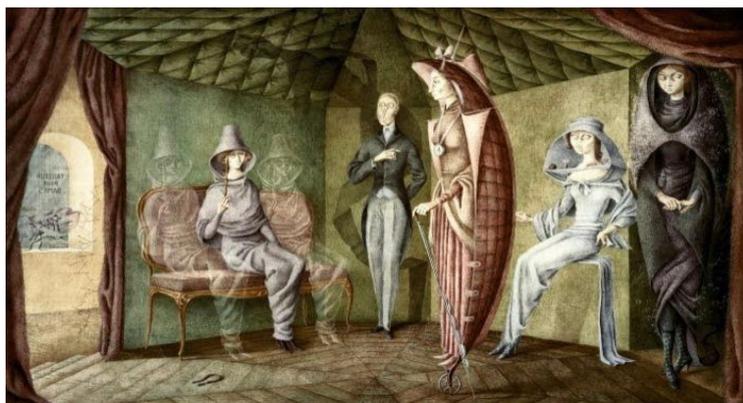


Ilustração de Remedios Varo

Com todo o respeito que Hamlet tem por merecimento, a mim me parece que a questão maior da psique² não está entre “ser ou não ser”. Ao contrário; a alma está entre contrários, e é na harmonia entre “ser & não-ser” (quase uma impossibilidade conceitual para nós que nos construímos a partir de um paradigma dual, separatista e reducionista), que está, a um só tempo, o grande dilema e o maravilhoso mistério do Ser. Portanto, “ser & não-ser” seja talvez o desafio essencial da natureza paradoxal da alma, que se revela também no difícil processo de conhecer-se e transformar-se a um só tempo _ ainda que nos transformando já não sejamos o que nos conhecemos como sendo.



Ilustração de Remedios Varo

Então, nove anos e uma graduação em Psicologia se passaram até que novamente as mulheres lobas cruzassem meu caminho. Desta vez, virada do avesso em meio a uma metanóia³ e um climatério (sim, tudo junto e misturado); num processo em que vou me afastando da fria branca luz de Apolo para render homenagens e pedir proteção à suave e acolhedora luz de Hermes; fui convidada a co-coordenar uma roda de conversa sobre o conto de Vasalisa & Baba Yaga. Que honra! Que privilégio! Que sincronicidade⁴!, agora os tempos estavam perfeitos; harmonia entre Chronos e Kairós.

² Psique para Jung corresponde à “totalidade dos processos psíquicos, tanto conscientes quanto inconscientes” (JUNG, 2011, p. 424) com capacidade autorreguladora (JUNG, 2017a, p. 9).

³ Metanóia: é uma crise no meio da vida (não necessariamente com exatidão cronológica) em que, uma vez cumpridas as obrigações externas e sociais, a energia psíquica é deslocada de volta para o interior, a fim de que a pessoa passe a se dedicar ao seu processo de individuação. Hillman chega a sugerir que haja uma alteração de estado de consciência.

⁴ Sincronicidade é um princípio de conexão de eventos no tempo sem uma relação causal.

Baba Yaga é a Velha Mãe Selvagem que carrega a sabedoria de acesso à intuição instintiva em um processo de iniciação para além dos domínios da consciência. A intuição como fenômeno é o que viabiliza a conexão atemporal dos mundos e das experiências que habitam e constituem nossa psique.

A intuição é também uma função psicológica na tipologia da personalidade desenvolvida por Jung. E é justamente a minha função psíquica inferior. Ser inferior é ser a menos diferenciada dentre as quatro funções da personalidade; por estar fora do alcance da consciência, não se submete ao controle do ego e revela-se de forma eruptiva (JUNG, 2017b, p.166), surgindo de repente para dominar a cena. Era considerada regredida por Jung, mas Von-Franz é mais condescendente e se refere à função inferior como pura, porque mais próxima à natureza (ZACHARIAS, p. 117); estaria, assim, portanto, menos “contaminada” pela dimensão do ego _ o complexo gestor da consciência.

É, portanto, a função inferior que faz a conexão tanto com o inconsciente (ZACHARIAS, 2006, p. 116) _ onde presente, passado e futuro coexistem para além da temporalidade linear de Chronos, quanto com o mundo simbólico (VON-FRANZ & HILLMAN, 2016, p.19). Nos contos de fada ela é representada geralmente pelo filho mais jovem, o ingênuo, o tolo (VON FRANZ *apud* ZACHARIAS, 2006, p. 116). No conto, objeto deste ensaio, quem personifica a função inferior que precisa ser desenvolvida é a boneca-talismã⁵ “imagem e semelhança” de Vasalisa.

Vasalisa é uma menina cuja iniciação começa aos 8 anos após deparar com a morte da mãe. Tipicamente, Vasalisa não apenas perde a mãe, como logo ganha uma madrasta _ a representante arquetípica do lado envenenado da Grande Mãe (BLY, 1991, p.176).

A morte da mãe-boa-demais é uma metáfora para a necessidade de abrimos mão do excesso de proteção que impede o nosso crescimento interior e a apropriação de nossa própria vida! Quantos de nós não insistem em manter-se no útero por toda uma vida... De acordo com

⁵ Talismãs são lembretes de que há outras dimensões para além do mundo visível, palpável, objetivo.

Von-Franz, a idade de 8 anos é importante porque nos apresenta a consciência de que se é uma pessoa e nos revela o primeiro pressentimento da existência do Self⁶ (2010, p. 245).

Sincronicamente, quando reli o conto pela última vez, sonhei repetidamente com crianças e em dois dos sonhos eu acalentava e cuidava de uma menina de uns 7 ou 8 anos. Acontece que os processos da psique são excêntricos; não são lineares e sua linguagem é essencialmente imagético-metafórica. Ademais, há um trabalho psicológico que se dá no inconsciente, especialmente à noite, para além do domínio da consciência e da razão _ do ego, portanto.

Paralelamente, há um tempo próprio da alma em que “devemos deixar as coisas acontecerem psiquicamente.” (MESTRE ECKHART *apud* JUNG & WILHEIM, 2011, p. 33). Verena Kast nos lembra que a alma precisa de tempo, inclusive para dar-se conta das boas experiências (2016, p.13). A alma quer profundidade e isso demanda um tempo de Chronos, mas também de Kairós.

De volta ao conto, logo nos primeiros parágrafos a autora chama nossa atenção para questões muito importantes. A intuição é um tesouro! Não se trata aqui da intuição como uma função psicológica, mas como um atributo inerente ao feminino⁷. Entretanto, como “a maioria das coisas não é o que parece” (ESTÉS, 2018, p. 91), há a necessidade de ultrapassar a ingenuidade pueril e olhar o mundo “através”, como nos alertou James Hillman; olhar de outras perspectivas, com lentes metafóricas _ olhar a vida com os olhos da alma.

O conto de Vasalisa é, portanto, a história de iniciação de uma menina _ essa que existe eternamente em todos⁸ nós. Mas... que iniciação é essa? É a iniciação de um contato com a sabedoria sagrada de nosso mundo interior que nos permite, a um só tempo, contato e

⁶ Self ou Si-mesmo, é um conceito transcendente que representa o centro arquetípico organizador e unificador dos conteúdos conscientes e inconscientes em uma totalidade psíquica, cuja experiência psicológica se revela pela imagem de Deus dentro da psique, mesmo que a pessoa não tenha crença em Deus de forma consciente (HOPCKE, 2012, p. 110 e 111). De uma perspectiva empírica, “designa o âmbito total de todos os fenômenos psíquicos do homem. Expressa a unidade e a totalidade da personalidade global.” (JUNG, 2011, p. 485).

⁷ Em tempos de questões de gênero, cabe ressaltar que feminino não é exclusividade da mulher e que o homem também possui seu lado feminino.

⁸ O pronome indefinido foi utilizado intencionalmente na forma masculina de modo a convidar os indivíduos identificados com o gênero masculino a refletirem sobre a criança e o processo de iniciação que pertence a todos nós.

entendimento mais profundos “dos ciclos de vida-morte-vida de toda a natureza.”. (ESTÉS, 2018, p. 91).

A compreensão desses ciclos existenciais nos remete aos processos alquímicos por meio das diversas operações que vão simbolizando as transformações internas da psique da menina. *Nigredo, albedo e rubedo*⁹; representadas no conto pelos cavaleiros vestidos de negro, branco e vermelho, simbolizam o ciclo mais básico e perene da natureza: o anoitecer, o amanhecer e o sol, respectivamente.

Acontece que, como já mencionado, o tempo da psique não é linear nem progressista, mas se dá em círculos concêntricos em que os processos vão se contendo uns aos outros. Assim, a *albedo* não supera a *nigredo*, mas a contém, da mesma forma que não há compreensão psicológica que não contenha em si uma dor original. A *rubedo* tampouco supera a *albedo*, mas a contém juntamente à *nigredo*.

É um processo que se assemelha à ideia do princípio yin-yang, cuja imagem (Figura 1) apresenta a síntese do Universo, contemplando a um só tempo a unidade (totalidade) e a dualidade (WU & SOUZA, 2015, p. 17). A divisão em luz e escuridão¹⁰ traz opostos complementares que estão contidos um no outro e o outro no um, formando juntos uma totalidade não estática e intercambiável _ o Tao¹¹, princípio gerador de todas as coisas e que existe por si mesmo (JUNG & WILHELM, 2011, p.36); “princípio Uno no interior do múltiplo” (WILHELM, 2006, p. 9).

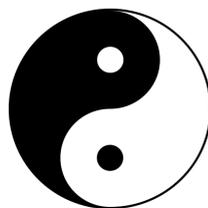


Figura 1

⁹ Nigredo, Albedo & Rubedo são fases não lineares do processo em que consiste a Alquimia, cuja metáfora central é a transformação. A grande sacada de Jung foi perceber que a descrição física dos processos alquímicos revelava a projeção dos estados anímicos dos alquimistas. Assim, a Alquimia se tornou uma rica analogia do funcionamento da psique. Em termos gerais, a *nigredo* é a destruição que revela a necessidade de transformação. A *albedo* traz o entendimento e o surgimento do sujeito psicológico. A *rubedo* é a corporeificação, a materialização, do entendimento.

¹⁰ Luz e escuridão representam o universo dos opostos como feminino e masculino, maleável e firme...(WILHELM, 2006, p. 9)...

¹¹ Tao: “apenas um nome que foi dado ao inominável. (...) não somente gerou tudo, como está em tudo (...)” (Rafael Arrais in LAO-TSE, 2013, posições 32 e 40)

Se transformação é a metáfora da alquimia, mutação é a da filosofia chinesa que se originou no I Ching _ O Livro das Mutações¹². “A mutação não é desprovida de sentido” e revela-se na contínua mudança entre os pólos das dualidades ao mesmo tempo em que está submetida ao princípio primordial do Tao, uma lei imutável, eterna e universal (WILHELM, 2006, p. 8 e 9). O Tao é, portanto, o caminho de transformação natural das coisas como elas são, revelando-se por meio de movimento e processo.

Segundo Von-Franz (2010, p. 267-268), “o dia, a noite e o sol figuram a passagem pela morte e o nascimento do ‘sol interior’. O sol nascente é um símbolo do Self.”. Portanto, a iniciação, como a vida, não acontece sem perda, sem transformação, sem metamorfose. Algo precisa morrer para que outra coisa possa nascer. No conto, a iniciação para acesso à intuição parte da *nigredo*, simbolizada pela morte da mãe-boa-demais, que, tendo cumprido sua missão, deve dar lugar a outrem, caso contrário o ciclo natural da vida é interrompido.

Entretanto, lidar com a morte _ qualquer que seja ela, tem um grande inconveniente: é muito assustador! Não sabemos o que há do outro lado. O medo se posta a nossa frente e é natural querermos nos esquivar ao máximo de qualquer proximidade. Todavia, evitar extremamente o contato com a morte, leva ao risco de ficarmos paralisados, estagnados no colo da mãe-boa-demais, em um útero que já não nos cabe mais e nos asfixia, impedindo que respiremos pelos próprios pulmões _ nos impede de viver a própria vida.

Acontece que a ausência total do medo é uma irrealidade psicológica. O medo existe e é uma energia psíquica, uma excitação muito particular diante do desconhecido. É instrumento de sobrevivência, de alerta e deve ser respeitado. Entretanto, se permanece e cresce, gera paralisia e não-vida.

Nesses casos, precisamos de um ativismo psíquico sob as bênçãos do deus Ares _ aquele dotado de força extraordinária, valente de coração, doador de juventude e perseverança, capaz de afugentar a covardia. Ares é passional e pode ter sua agressividade (energia) canalizada de forma criativa para gerar e manter uma militância psíquica capaz de

¹² O I Ching é um livro de sabedoria oracular e ancestral considerado as raízes da filosofia chinesa, enquanto o Tao Te Ching, o tronco.

assimilar o novo e gerar transformação (ALVARENGA, p. 165). Senão, vejamos o Hino Homérico VIII:

“Ares fortíssimo, (...) braço robusto, infatigável, (...) soberano da coragem viril, (...). Ouve-me, defensor dos mortais, doador da audaz juventude, e esparge do alto teu plácido brilho sobre minha existência e tua força guerreira: que de minha frente eu afaste a vil cobardia (...). Mas tu, ditoso, coragem concede-me, e que eu viva sob as leis que a paz propiciam (...).” (CABRAL, 2010, p.85).

Hillman, citado por Barcellos nos ensina: “Desconstruir a mente bloqueada, abrir o caminho na fé com nossa fúria e nosso medo...” (HILLMAN *apud* BARCELLOS, 2019, P. 55). Barcellos vai além e nos conta do ensinamento arquetípico na guerra: “Vá com medo e tudo! Vá por causa do medo, levado por ele. A lição talvez seja: não há como amar, ou estar na vida e suas lutas, sem medo. Então é um delírio não querer sentir medo, vencer o medo.” (BARCELLOS, 2019, P. 55). Por conseguinte, para viver a vida em sua plenitude, vai com medo mesmo!

CONCLUSÃO

A minha percepção, de uma mulher ocidental na pós-modernidade, é que o trabalho interior de manter a conexão com a intuição é desafiador e exige atualização constante, à semelhança da manutenção do fogo de Héstia.

Acessar e manter a conexão com o tesouro da intuição é ao mesmo tempo um aprendizado e um processo que está sempre recomeçando. Sigamos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVARENGA, Maria Zelia. **Mitologia Simbólica _ Estruturas da psique e regências míticas**. Itatiba, SP: Casa do Psicólogo, 2010, 2ed.

BARCELLOS, Gustavo. **Mitologias Arquetípicas _ Figurações divinas e configurações humanas**. Petrópolis: Editora Vozes, 2019.

BLY, Robert. **João de Ferro**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1991.

BOLEN, Jean Shinoda. **A Sincronicidade o o Tao**. São Paulo: Cultrix, 1997, 10 ed.

BONDER, Nilton. **A Alma Imoral**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

CABRAL, Luiz Alberto Machado (tradutor). **Hinos Homéricos _ Hino I e do VI ao XXXIII**. São Paulo: Odysseus Editora, 2010.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com os lobos**. Rio de Janeiro: Rocco, 2018.

HOPCKE, Robert H. **Guia para a Obra Completa de C. G. Jung**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012.

JUNG, Carl Gustav. **Os Fundamentos da Psicologia Analítica (As Conferências de Tavistock)**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2017a.

_____ **Seminários sobre Psicologia Analítica (1925)**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2017b.

_____ **Tipos Psicológicos _ OC n. 6**. 4 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

JUNG, Carl Gustav & WILHELM, R. **O Segredo da Flor de Ouro _ Um livro de vida chinês**. Petrópolis: Editora Vozes, 2011, 13 ed.

KAST, Verena. **A Alma Precisa de Tempo**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2016.

TSE, Lao (ARRAIS, Rafael, trad. e org.). **Tao Te Ching _ O Livro do Caminho Perfeito**. textosparareflexao.blogspot.com, 2013, eReader edition.

VON FRANZ, Marie Louise. **O Feminino nos Contos de Fadas**. Petrópolis: Editora Vozes, 2010.

VON FRANZ, Marie Louise & HILLMAN, James. **A Tipologia de Jung**. São Paulo: Editora Pensamento-Cultrix, 2016.

WILHELM, Richard (tradutor). **I Ching _ O Livro das Mutações**. São Paulo: Pensamento, 2006.

WU, Jyh-Cherng & SOUZA, Marcia Coelho de. **I CHing _ o tratado das mutações**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2015.

ZACHARIAS, José Jorge de Moraes. **Tipos - a diversidade humana**. São Paulo: Vetor Editora, 2006.